

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16752 - Resumo Expandido - Trabalho - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 10 - Ensino Fundamental

## RECUPERAÇÃO E RECOMPOSIÇÃO: ENTRE O ESGOTAMENTO E A BUSCA POR OUTROS TERMOS

Dhietelly Morghana Almeida Santos - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Renata Sperrhake - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

### **RECUPERAÇÃO E RECOMPOSIÇÃO: ENTRE O ESGOTAMENTO E A BUSCA POR OUTROS TERMOS**

**RESUMO:** A partir de uma perspectiva de inspiração foucaultiana, tendo as ferramentas teórico-metodológicas da problematização e da analítica da verdade como lentes através das quais se olha para o material empírico, este texto objetiva problematizar o conceito de recomposição da aprendizagem em diálogo com o conceito de recuperação. Para tanto, analisa-se as definições atribuídas aos termos “recomposição da aprendizagem” e “recuperação” na literatura acadêmica, nas legislações e na mídia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Recomposição da aprendizagem. Recuperação. Educação pública.

Neste texto, que é um recorte de uma pesquisa maior desenvolvida a nível de Mestrado, objetiva-se problematizar o conceito de recomposição da aprendizagem em diálogo com o conceito de recuperação, já presente no léxico educacional há bastante tempo. Este novo termo, que é disseminado no Brasil em meados de 2021, foi produzido “sob medida” para esta época, consistindo em uma agenda que está em voga na Educação. A perspectiva adotada é de inspiração foucaultiana, tendo as ferramentas teórico-metodológicas da problematização e da analítica da verdade como lentes através das quais se olha para o material empírico.

A ideia de problematização é alicerçada na história do pensamento, uma vez que “[...] as problematizações são o objeto de estudo da história do pensamento” (Goulart, 2018, p. 27). Para Foucault, uma história do pensamento “[...] seria uma análise das condições nas quais se formaram ou se modificaram certas relações do sujeito com o objeto, uma vez que estas são constitutivas de um saber possível” (Foucault, 2006, p. 234). Em outras palavras, a história do pensamento se ocupa em responder o seguinte: “como um saber pode se constituir?” (Foucault, 2006, p. 241). A não aprendizagem das crianças tornou-se, de maneira mais acentuada em um contexto pós-pandêmico, um problema para o pensamento.

Foucault (2006, p. 241) afirma que na história do pensamento o que se busca é “[...] fazer a história das relações que o pensamento mantém com a verdade”. Se os jogos de verdade se referem “[...] não a descoberta das coisas verdadeiras, mas as regras segundo as quais, a respeito de certas coisas, aquilo que um sujeito pode dizer decorre da questão do verdadeiro e do falso” (Foucault, 2006, p. 235) e a problematização “[...] o conjunto das práticas discursivas ou não discursivas que faz alguma coisa entrar no jogo do verdadeiro e do falso e o constitui como objeto para o pensamento” (Foucault, 2006, p. 242). Pode-se notar que o conceito de jogos de verdade está diretamente ligado com a ideia de problematização e, portanto, ambos são mobilizados na analítica aqui proposta.

Nesse sentido, pretendemos analisar as definições atribuídas aos termos “recomposição da aprendizagem” e “recuperação” na literatura acadêmica, em legislações e na mídia - sendo esta a nossa empiria - tendo como horizonte a problematização dos jogos de verdade envolvidos nos usos dos termos.

Pensando em uma educação pós-pandemia, a recomposição das aprendizagens é trazida como uma resposta às defasagens e lacunas na aprendizagem que foram herdadas durante o tempo em que as escolas estiveram de portas fechadas, devido à pandemia, tal como mostram os excertos abaixo:

“Havia uma lógica na Educação até 2019, e a pandemia mudou tudo. Agora, é preciso justamente reordenar, mas não basta só ‘voltar ao que era antes’, é preciso voltar melhorando, prestando atenção às coisas que devemos olhar. É por isso que falamos em ‘recomposição’” (Nova Escola, 2022, s.p).

“Tendo em vista toda essa realidade, na retomada das aulas presenciais surge o processo intitulado recomposição da aprendizagem [...]” (Silva, 2023, p. 9).

“A recomposição traz ideia de reconstruir, de reorganizar, restaurar um caminho, reconectar o estudante a uma trajetória cognitiva que foi afetada pelo distanciamento” (Instituto Unibanco, 2023, p. 2).

A recomposição das aprendizagens é tida não apenas como *uma* resposta para os desafios educacionais pós-pandemia. Ela é tomada como *a grande proposta*:

“Não se trata de um projeto ou proposta apenas. **A recomposição tem que ser a grande proposta das secretarias** [...]” (Nova Escola, 2022, s.p).

Uma definição para a recomposição das aprendizagens é a de que ela refere-se a “[...] uma ação sistêmica, que demanda o planejamento educacional da rede e das escolas, com ações focadas na redução das desigualdades ampliadas pela pandemia” (Movimento Pela Base; Associação Nova Escola; Instituto Reúna, 2023, p. 13). Sonia Guaraldo, especialista do

Instituto Gesto, em entrevista, pontua que “a recomposição de aprendizagem é como um grande guarda-chuva, que envolve olhar para múltiplos aspectos” (Nova Escola, 2022, s.p).

A partir de uma revisão bibliográfica, foi possível encontrar algumas definições sobre recomposição das aprendizagens que parecem ser compartilhadas entre os documentos. A recomposição das aprendizagens visa promover acesso aos conhecimentos que não foram oportunizados durante a pandemia (Santos, 2022; Santos; Cruz, 2023; Silva, 2023). Também é citado que é necessário retomar habilidades iniciais, reiniciar os conteúdos, abordar temáticas introdutórias (Silva, 2023; Hickmann et. al., 2022), tendo como foco as habilidades não consolidadas em anos anteriores (Nova Escola, 2022; Almeida, 2023). É preciso, portanto, selecionar e definir o que precisa ser ensinado (Nova Escola, 2022; Hickmann et. al., 2022; Santos, 2022). Por fim, também é mencionado que este é um desafio global (Hickmann et. al., 2022; Santos; Cruz, 2023; Silva, 2023).

O que parece haver é uma adequação do vocabulário educacional para o termo recomposição da aprendizagem, interditando o discurso da recuperação, o que sinaliza que esses dois termos não são tratados como sinônimos e sim, como estratégias distintas. Em linhas gerais, a recomposição seria mais ampla e a recuperação mais restrita. Os documentos analisados indicam que não há como recuperar uma aprendizagem que não aconteceu, por isso a ineficiência do termo “recuperação”, que acaba sendo substituído por “recomposição”.

Logo, torna-se necessário compreender do que se trata a recuperação. Caldas (2010) traça um minucioso e exaustivo histórico da recuperação escolar e aponta que a recuperação surge como um remédio para o problema da repetência. As justificativas para a criação de classes de recuperação eram bastante variadas, tais como a subnutrição das crianças, a diversidade de tempos de aprendizagem, os desajustamentos do comportamento e de atitudes, em virtude de situações familiares, entre outros (Caldas, 2010).

Caldas (2010) pontua que a LDB de 1971 traz dois artigos que mencionam a ideia de “estudos de recuperação” para estudantes com aproveitamento insuficiente. Já na legislação vigente, a Lei de Diretrizes e Bases nº 9.394, de 1996, a menção à recuperação aparece nos artigos 12, 13 e 24, citando que cabe aos estabelecimentos “prover meios para a recuperação dos alunos de menor rendimento” (Brasil, 1996, p. 5); aos docentes “estabelecer estratégias de recuperação para os alunos de menor rendimento” (Brasil, 1996, p. 6) e; a “obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos” (Brasil, 1996, p. 9).

Com suas mudanças ao longo do tempo, a recuperação foi, paulatinamente, “[...] constituindo-se como mecanismo colocado à disposição da escola e do(s) professor(es) da classe, propondo-se a garantir a superação das dificuldades específicas encontradas pelo aluno durante seu percurso escolar” (Caldas, 2010, p. 54). Silveira e Gualtieri (2016) apontam que a recuperação tem sido associada a uma forma de reduzir o “fracasso escolar”. Nesse sentido, Araújo (2008) pontua que a recuperação trata-se de um dispositivo para se alcançar a universalização do ensino, racionalizando a eficácia da educação pública, evitando o congestionamento do fluxo escolar, reduzindo os gastos com a educação.

Chica (2023), especialista do Instituto Reúna, aponta que a recuperação é pontual, destinada àqueles alunos que foi concedida a oportunidade de aprender, mas que não foi suficiente, não consolidando a aprendizagem. A autora argumenta que houve “[...] um processo de dois anos de afastamento desses estudantes de aulas presenciais. Portanto, dizer que vamos fazer um processo de recuperação com eles não seria justo” (Instituto Unibanco, 2023, p. 2). Nota-se, portanto, uma necessidade explícita na literatura de demarcar uma diferença entre recuperação e recomposição.

No contexto pós-pandemia, o termo recomposição da aprendizagem surge como estratégia latente. Nessa esteira, faz-se um destaque a um excerto do Parecer elaborado pelo Conselho Estadual de Educação do Ceará.

Faz-se neste Parecer [...] o acolhimento dos conceitos “fortalecimento e recomposição de aprendizagem”, com base no estudo que o Instituto Natura e a Fundação Lemann solicitaram à consultoria especializada Vozes da Educação [...](Conselho Estadual de Educação, 2021, p. 20)

Neste fragmento, pode-se ver explicitamente a menção de que a incorporação do conceito recomposição da aprendizagem provém do Terceiro Setor e que os Estados se curvaram a esta verdade posta em funcionamento, ajustando suas práticas. Cabe a problematização: por que está sendo posta a estratégia da recomposição como a mais eficaz e não outras? Quais os impactos das instituições do Terceiro Setor em dizer o que atuará como verdadeiro na educação, e inclusive na educação pública?

Seguindo os passos de Michel Foucault, não se pretendeu fazer um julgamento de valor através da dicotomia bom/ruim. No lugar disso prefere-se enxergar as coisas como perigosas, pois: “Se tudo é perigoso, então temos sempre algo a fazer” (Foucault, 2010, p. 299). Se tomarmos de antemão a Recomposição das Aprendizagens como algo bom ou algo ruim, não nos resta muito o que fazer, pois o caminho já está trilhado: acatar ou negar o discurso. Parece mais produtivo trilhar o caminho considerando que tudo é perigoso, pois,

tendo a possibilidade de construir um percurso que já não está dito de antemão, sempre se terá algo novo a dizer.

Ao que tudo indica, passa-se a se preocupar com uma recomposição da aprendizagem sob influência dos discursos do Terceiro Setor, estando o cenário educacional atual permeado por esta ideia formulada pela iniciativa privada. Não que antes não se buscasse reverter as defasagens da aprendizagem, porém, o argumento trazido por estes setores é o de que nenhum outro termo antes usado na educação conseguiria dar conta das necessidades atuais e, por conta do esgotamento dos outros termos, há uma condução de condutas para que se incorpore no vocabulário e práticas educacionais este novo conceito.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. M. C. de. **Modelo De Gestão e Modelo Pedagógico Da Educação Básica No Espírito Santo**: como estabelecer a interdependência entre eles? 2023. Dissertação (Mestrado). Fucape Pesquisa e Ensino S/A, 2023. Disponível em: <https://fucape.br/wp-content/uploads/2023/10/Dissertacao-Patricia-Manhaes-Coimbra-de-Almeida.pdf>. Acesso em: 11 de ago. 2024.

BRASIL. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: [https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_1ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/529732/lei_de_diretrizes_e_bases_1ed.pdf). Acesso em: 11 de ago. 2024.

CALDAS, R. F. L. **Recuperação escolar**: discurso oficial e cotidiano educacional - um estudo a partir da psicologia escolar. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-15042010-150817/>. Acesso em: 11 ago. 2024.

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. **Parecer nº 0386/2021**. Ceará, 2021. Disponível em : <https://www.cee.ce.gov.br/wp-content/uploads/sites/49/2021/03/PAR.0386.2021.pdf>. Acesso em: 8 de ago. de 2024.

FOUCAULT, M. Sobre a genealogia da ética: uma revisão do trabalho. In: RABINOW, P.; RABINOW, H. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica). 2º ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, M. **Ditos e escritos V**. Ética, sexualidade, política. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006..

FOUCAULT, M. Verdade e poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro, Graal, 2007.

GOULART, M. V. **A produção da juventude como um objeto de saber pedagógico nos discursos sobre o ensino médio no Brasil**. (Tese) Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, 2018.

HICKMANN, J.; BARBOSA, P. R.; COSTA, M.; FERREIRA, G. de P.; CARNEIRO, J. de O. L. L.; SILVA, F. J. A.; SOUZA, A. S. de, LIMA, G. F.; ZAHAL, T. P. V.; JACQUES, Cesar Augusto Freitas. **A educação pós-pandemia: uso de tecnologias e a recomposição da aprendizagem em Debate**. Research, Society and Development, v. 11, n. 16, 2022. Disponível em: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/38452/31737/418816>. Acesso em: 11 de ago. de 2024.

INSTITUTO UNIBANCO. **Recompor aprendizagem ainda é desafio em 2023**. Aprendizagem em foco, n. 85, fev. de 2023. Disponível em: <https://cdnportaliuprd.portalinstitutounibanco.org.br/storage/2023/02/boletim-85-recomposicao.pdf>. Acesso em: 8 de ago. de 2024.

NOVA ESCOLA. **O que é recomposição de aprendizagens e como ela acontece no dia a dia das escolas públicas**. 2022. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/20976/o-que-e-recomposicao-de-aprendizagens-e-como-ela-acontece-no-dia-a-dia-das-escolas-publicas>. Acesso em 2 de fev. de 2024.

NOVA ESCOLA. **Entenda o que é recomposição de aprendizagens**. 2022. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/21297/entenda-o-que-e-recomposicao-de-aprendizagens>. Acesso em 2 de fev. de 2024.

SANTOS, A. J. dos; CRUZ, L. M. Recomposição das aprendizagens na Educação Básica: estratégias pós-pandemia. **Revista de Estudos em Educação e Diversidade - REED, [S. l.]**, v. 4, n. 11, p. 1-21, 2023. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/reed/article/view/12742>. Acesso em: 11 ago. 2024.

SILVA, L. N. B. **Educação física e recomposição da aprendizagem na retomada do ensino presencial em um município do Cariri cearense**. Corpoconsciência, Cuiabá, v. 27, p. 1-18, 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/download/14907/12>. Acesso em 8 de ago. de 2024.

SILVEIRA, A. T. C. e GUALTIERI, R. C. E. Alunos em recuperação: um estudo sobre mecanismos de superação de defasagens e expectativas da escola”. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, 13(32), p. 256–284. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/1>. Acesso em: 11 ago. 2024).